

Anno I

Rio de Janeiro

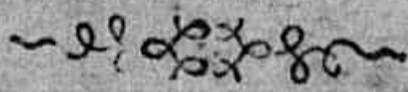
1

475.046C
1975

REVISTA DOS THEATROS

PERIODICO

DEDICADO Á LITTERATURA E ARTE DRAMATICA



REDACTORES PRINCIPAES

Arthur Azevedo e A. Lopes Cardoso

EDITORES

Lombaerts & Cia



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE LOMBAERTS & Cia

76 Rua d'Assembléa e rua dos Ourives 7

1879

As pessoas, que abrirem esta pagina na esperan^{ça} de encontrar um programma, queiram l^{er} o titulo: REVISTA DOS THEATROS diz tudo.

Accrescentamos apenas que, a cada numero desta REVISTA, juntaremos um retrato photographico de auctor ou actor, acompanhado do respectivo esboço biographico.

Rio, 1 de julho de 1879.



O VASQUES

(AO CORRER DA PENNA)

Ha dias achava-me eu, n'um camarote da Phenix Dramatica, assistindo á representação dos famosos *Sinos de Corneville*. No camarote visinho estava uma familia a quem parecia interessar vivamente a representação. No meio do primeiro acto, ao entrar em scena o actor***, uma das pessoas dessa familia exclamou: — Este é que deve ser o Vasques!

Fiquei abysmado!

Eu nunca suppozera que houvesse no Rio de Janeiro alguém que não conhecesse o Vasques (1); alguém que o confundisse com o actor***.

(1) Sob o titulo *O Vasques*, lê-se na gazetilha do *Jornal do Commercio*, de 17 de maio de 1877:

« Permitta o artista que, como todo o mundo, o tractemos com esta familiaridade que constitue um dos privilegios de sua popularidade. O sr. Vas-

No intervallo, a conversa que se travou no referido camarote deu-me a perceber que a familia era da roça.

Só assim!

Passou de muito em julgado que o actor, cujo esboço biographico pretendo traçar, é, não obstante os seus peccadilhos de transigencia, a que foi sem duvida arrastado pelas condições em que se acha o theatro nacional, o primeiro entre os actuaes actores brasileiros (2); sendo que entre os que já lá vão, exceptuando João Caetano, não nos consta que al-

ques póde ser qualquer que use do mesmo appellido; o Vasques é o actor favorito do publico fluminense, que não se cansa de admirar-lhe o talento.»

Faço minhas as palavras, que ahi ficam transcriptas, justificando, dest'arte, a familiaridade com que tambem pretendo tractar o Vasques.

(2) « Vasques não tem rival entre os artistas comicos brasileiros. » (*Jornal da Tarde*, de 7 de maio de 1872.)

Essas palavras têm sido muitas vezes repetidas pela imprensa fluminense.

Ha um bom par de annos já um periodico, que aqui se publicou em lingua franceza, denominado *Courrier du Brésil*, dizia: « Si Mr Vasques représentait à Paris, sur le théâtre du Palais-Royal, des Délassements Comiques, ou tout autre du même

gum possuisse em tão elevado gráu todas as qualidades constitutivas do bom actor.

Os seus gestos são apropriados; o seu olhar é expressivo; a sua dicção é natural e não se ressentente, como na maior parte de seus collegas, da melopéa nazal e monotoná da antiga eschola de declamação portugueza.

As suas creações contam-se pelos papeis que tem desempenhado, desde Califourchon até o joven Telemaco; os seus triumphos pelas noites, e tantas! em que tem representado! A sua vida artistica tem sido uma ovação de vinte annos!

Ao Vasques, portanto, cabe de direito o primeiro logar na galeria inaugurada com a publicação da *Revista dos theatros*. Esta verdade posso proclamar-a alto e

genre, il obtiendrait certainement une réputation européenne.»

Do *Jornal do Commercio*:

« Tem Vasques em si o fogo sagrado, o genio, a inspiração; tem-lhe faltado o ar, a luz em que podessem expandir-se. »

Não se póde dizer mais.

bom som, eu que conheço de perto os bons actores brasileiros.

Demais, apresentando, de preferencia a outro qualquer, o retrato expressivo e sympathico da primeira pagina, a redacção desta *Revista* cumpre a um tempo duas clausulas do seu programma: Vasques não é só actor: é tambem auctor, como Henrique Monnier, Samson, José Carlos dos Santos, Cesar de Lacerda, Braz Martins e outros. A segunda personalidade justifica de sobra a nossa preferencia.

A mais de um leitor vae de certo sorprendender a seguinte novidade:

O Vasques não é o Vasques!

E' o que digo!

Si não foram circumstancias, que os meus escrupulos de biographo calam, em que peze á liberdade ampla e graciosa que, para relatal-as, me foi concedida pelo biographado, o publico fluminense, que se habituou a dizer: o Vasques, habituar-se-ia a dizer: o Pinheiro de Cam-

pós, o Campos Junior, ou simplesmente: o Campos, o que seria mais commodo.

O supposto Francisco Corrêa Vasques chama-se Francisco Pinheiro de Campos Junior. Foi este o nome que em 29 de abril de 1839, data de seu nascimento, recebeu de seu pae, o Sr Francisco Pinheiro de Campos, fallecido o anno passado. Sua mãe é morta ha já quinze annos.

O Vasques nasceu de sete mezes, e tão pequenino, que por um triz não morreu afogado na bacia em que o banhavam, no proprio dia de seu nascimento.

Quanto ganhou e quanto esteve quasi a perder o Brasil naquelle dia!

Como é sabido, o Vasques é irmão do Martinho, que me ha de permittir o tracte com a mesma familiaridade.

A natureza, que os fizera filhos da mesma mãe, fel-os filhos da mesma arte.

De passagem, noto que da circumstancia de ter um irmão actor nasceu talvez a vocação do Chico, como lhe chamavam em familia, e continuam muitos a chamar-lhe.

Era o Chico um pirralho de cinco annos, e outros tantos palmos, e costumava leval-o comsigo o irmão (quinze annos mais velho) ao S. Pedro de Alcantara, para assistir aos espectaculos e muitas vezes aos ensaios. O pequeno apreciava dos bastidores as representações, como si a sua presença fosse alli precisa. Considerava-se de dentro, do movimento, e conservava-se acordado até á hora em que terminava o espectaculo.

Uma noite representava-se o *Judas em sabbado de alleluia*, a eterna farça do Penna. Finda a comedia, o publico chamou estrepitosamente os actores á scena. O pequeno sahio dos bastidores e de seus cuidados, e veio para a scena agradecer tambem, ao lado de Manuel Soares, o en-

thusiasmo das platéas. E na maneira de agradecer fazia o Chico a parodia de João Caetano, o empresário, revelando tão cedo o singular talento de imitação, que mais tarde havia de distinguil-o tanto.

Dahi em diante, nas peças em que tinha de figurar um menino, era sempre o Chico quem se encarregava do respectivo papel. No final, quando o publico chamava os actores á scena, gritava tambem :

— A' scena o Martinho pequeno !

No conhecido collegio Marinho que, cuidou, deixou de existir, fez seus estudos o Chico, e, segundo elle proprio diz, era um estudante que aos condiscipulos ganhava em manhas e *gazetas*. A pouca applicação do menino deu em resultado a defficiencia litteraria do homem.

Si o Vasques fosse uma illustração, imaginem o que produziria ! Ninguem dirá que a *Honra de um taverneiro*, as *Lagrymas de Maria*, e mesmo algumas de suas composições de ordem inferior, sejam

fructos de intelligencia, que não logrou cultivo especial.

Aos doze annos de idade, depois de haver desempenhado o menino do *Noviço*, fez-se, isto é, fizeram-o caixeiro despachante. Foi nesse tempo que entrou de véras a revelar decidida vocação para o palco.

Quantas scenas comicas, tragicas e dramaticas foram por elle representadas na propria Alfandega para uma platéa improvisada alli. Muitas vezes um fardo era uma montanha, ou um throno, conforme o requeresse a encenação.

Nas horas vagas, e até nas que não eram vagas, porque, diga-se de passagem, o caixeiro era em vadição digno successor do estudante, o futuro auctor do *Orpheu na roça* corria ainda para o S. Pedro de Alcantara, para o seu theatro, e ahi prestava, por gosto, pequenos serviços.

Convencidos finalmente os seus maiores

de que era alli o verdadeiro logar do Chico, transferiram-o da Alfandega para o theatro, onde estreou na comedia *Morrer para ter dinheiro*.

Para ter dinheiro não trabalhava o estrepante: o seu ordenado era de doze mil réis mensaes.

Dessa data (1856) em diante é que Francisco Pinheiro de Campos Junior passou a chamar-se Francisco Corrêa Vasques.

Muito breve ao enthusiasmo do joven actor succedeu completo desanimo. Emilio Doux, que era o ensaiador, embirrava com elle, não sei por que motivos. Não lhe distribuiam sinão desses insignificantes papeis a que em gyria theatral dão o nome de *pontas*, e o Vasques, julgando-se muito para tão pouco, começou a ser no theatro o que já fôra na Alfandega e no collegio: mandrião. João Caetano via-o com máus olhos.

Por occasião de representar-se *A viscondessa Lolotta*, Emilio Doux distribuiu-

lhe e ao Sr Augusto Montani duas *pontas*, que, com mais justiça, deviam ser dadas a quaesquer réles comparsas. Ao cabo de tres representações, o Sr Montani recusou figurar. O Vasques ficou: estava resignado. No dia seguinte Emilio Doux chamou-o de parte e disse-lhe:

— Nunca me esqueço de quem me presta um obsequio.

Cessaram desde logo as prevenções contra elle: deram-lhe o importante papel de Queiroga na comedia *Trabalhos em vão*, de Duarte de Sá. Foi uma revelação!

Por esse tempo o Martinho sahira da companhia para fazer uma excursão artistica pelo sul do Imperio. O proprio João Caetano distribuiu-lhe o *Califourchon*, para substituir, na *Corda sensivel*, o irmão ausente. Esplendida victoria!

O actor Vasques foi proclamado em prosa e verso, e, o que é—não sei si diga mais, si menos,—os seus vencimentos foram dobrados e tresdobrados.

Para o seu primeiro beneficio escreveu elle a sua primeira scena comica, a que se deviam seguir tantas outras : o *Sr Zé . Maria assombrado pelo magico.*

Este beneficio foi realisado em Nictheroy ; foi pois na Praia-Grande que o Vasques fez a sua estréa de auctor.

Em setembro de 1857 recebiam os seus amigos a participação de seu feliz consorcio com a Exma Sra D. Amelia Augusta de Castro. Esta virtuosissima senhora, respeitada e querida por quantos a conhecem, deu ao Vasques duas meninas, a primeira das quaes está hoje casada.

Do S. Pedro de Alcantara passou o nosso biographado para o Gymnasio, onde o empresario Heleodoro fazia-lhe maiores vantagens ; demais, tinha de novo o S. Pedro o Martinho, que trabalhava no mesmo genero, ao passo que o Gymnasio estava desmontado com a retirada do Sr Martins.

No Gymnasio creou o Vasques muitos

papeis, cuja enumeração seria longa. Sahio pela reentrada do Sr Martins, cujo logar ficára alli garantido.

Contractado pelo Sr Germano Francisco de Oliveira, partiu para Pernambuco em companhia deste actor, hoje médico, e de Manoela Lucci, a festejada actriz que moureja de longos annos pelo norte do Imperio.

Foi isto em 1859.

A ultima peça em que trabalhou o Vasques, antes de sua viagem a Pernambuco, foi uma revista de anno, a primeira representada nos nossos theatros.

Essa revista foi prohibida pela policia.

Naquella provincia estreou o Vasques no papel de Leonardo, dos *Milagres de Santo Antonio*.

Durante os sete mezes que alli se demorou foi alvo das mais calorosas manifestações do entusiasmo popular e do entusiasmo academico.

Em Pernambuco escreveu e desempenhou a sua segunda scena comica: *O beerrão*.

Voltando ao Rio de Janeiro, foi trabalhar no velho S. Januario, sempre com o Sr Germano, que era o empresario. Em 1860, Furtado Coelho tomou conta deste theatro, que passou a chamar-se das Variedades. Durante esta empreza escreveu Vasques a sua terceira scena comica, *O Sr Joaquim da Costa Brasil*. Concluida no S. Jaanuario, a empreza de Furtado Coelho este e seus companheiros passaram-se para o Gymnasio, formados em associação: Sociedade Dramatica Nacional. Furtado Coelho pouco tempo permaneceu entre os seus companheiros. Elles aram sós e inauguraram então a época mais brilhante do theatro nacional. Representavam-se quasi exclusivamente peças de auctores brasileiros.

Durante o tempo que durou a sociedade, pagaram-se trinta contos de réis de direitos a esses auctores. Entretanto o Vas-

ques continuava a escrever comedias e scenas comicas, e o publico a applaudil-as.

Voltou Furtado Coelho ao Gymnasio, fez-se de novo empresario. O Vasques, durante seis annos, foi festejado na sua dupla qualidade de auctor e actor.

Em 2 de julho de 1867 foi despedido pelo empresario. Passo em silencio sobre a polemica famosa que no *Jornal do Commercio* causou essa despedida entre o actor e o empresario.

Ainda uma vez sem theatro, o Vasques empreheudeu uma viagem a S. Paulo, e encorporou-se á pequena companhia dramatica, que funcionava alli.

O *Diario de S. Paulo* dá, em 2 de agosto de 1867, o seguinte testemunho da ruidosa recepção que lhe fizeram :

« Estreou, ante-hontem, no palco desta capital, o distincto actor Francisco Corrêa Vasques, que tanto celebrisou-se no Gymnasio da côrte.

« Dotado de grande talento, de perfeito conhecimento da scena e de mimica inimitavel, o Sr Vasques é, no seu genero, o mais completo actor que tem representado nos theatros de S. Paulo. »

.....

« Em qual dellas (comedias) foi melhor, em qual mais graça e perfeição mostrou, é o que seria difficil dizer. Digam-o as gargalhadas homericas que soltaram os espectadores, e os estrondosos applausos com que foi victoriado o Sr Vasques. »

.....

Voltando á côrte, formou o Vasques uma nova Associação Dramatica. Estreou essa associação no theatro Provisorio com o drama sacro *S. Sebastião, defensor da Egreja*, do actor Cesar de Lacerda.

Essa associação, que durou quatro annos, trabalhava alternadamente no Campo de Sant'Anna e na rua da Ajuda: a Phenix era então o Jardim de Flora.

Naquelle tempo o Alcazar, segundo a

phrase de um distincto poeta humorístico, era o deus do seculo e Offenbach o seu propheta.

O Vasques pretendeu lutar contra o deus do seculo, e montou no Jardim de Flora mimosas comedias intimas, onde não entrava a arte como Pilatos no Credo: *Os anjos de fogo*, de Pires de Almeida, *A republica dos pobres*, *Abnegação*, etc.

Baldado tentamen de regeneração!... As cadeiras ficavam vasias, e o bilheteiro adoecia sempre á hora do espectáculo. O Alcazar imperava, e o *Orphée aux enfers* fazia as delicias da população inteira.

Foi então que o Vasques agarrou na penna e escreveu o *Orpheu na roça*: foram cem representações consecutivas. O actor, si por um lado prestou um deserviço á arte, inventando similhante genero ainda não classificado entre as producções theatraes, por outro lado fez-se credor de um beneficio, que a sociedade fluminense nunca lhe agradecerá bastante: matou o Alcazar!

E todos sabem quantas lagrymas custou o theatrinho-prostibulo da rua da Valla.

Em 1869 recebeu o talento do Vasques honrosa consagração : um abraço da mais esplendida organização artistica do mundo : Ristori.

Formou-se depois a empresa Heller, e o Jardim de Flora chrisvou-se em Phenix Dramatica.

Dahi por diante, sabem todos qual tem sido a existencia artistica de Francisco Corrêa Vasques : nas magicas, parodias e operetas, alli representadas, tem revelado o grande actor o mesmo talento que manifestára em peças de diverso genero.

Em fins de 1877 a companhia da Phenix foi a S. Paulo. O que alli de mais importante succedeu ao Vasques, dil-o o seguinte trecho da *Gazeta de Noticias* :

« Um episodio da viagem do popularissimo actor Vasques a S. Paulo :

« O publico, que o applaudiu no *Ali-Babá*, lembra-se que em uma situação elle

diz: « Este burro é muito intelligente ; é impossível que não tenha sido mestreschola na terra delle. »

« Pois, ao que parece, ha na heroica Paulicéa alguns pedagogos naturaes de Sorocaba ; ouviram a pilheria na primeira representação e foram para casa pensando no caso ; á segunda vez perderam o somno ; á terceira entenderam que aquelle dito era uma carapuça, que lhes ficava a matar ; e á quarta representação foram ao theatro resolvidos a desafrontar a classe, e tentaram patear o Vasques.

« Imagine-se o delirio com que a platéa protestou contra a tolice, e o desgosto que soffreram os chefes de familia que confiaram áquelles mestres a educação de seus filhos. »

As principaes composições do Vasques são as comedias *A honra de um taverneiro* e *As lagrymas de Maria*, em 3 actos cada uma.

A primeira, representada em novembro de 1873, mereceu as seguintes palavras do digno presidente do Conservatorio Dramatico, o Sr Felix Martins, hoje Barão de S. Felix: « Encerra muito interesse dramatico, bonitos lances, naturalidade e movimento, bem como estylo fluente e apropriado á scena. »

De uma carta dirigida ao auctor pelo Sr Victorino de Barros, membro do referido Conservatorio, extractamos as seguintes phrases: « Foi feliz na composição, porque o seu thema bem escolhido tem desenvolvimento judicioso e moralizador. Os caracteres primam pela fidelidade com que são desenhados. Dou-lhe os parabens por seu trabalho. Honra á sua intelligencia. Com tão auspiciosa estréa de longo folego, parar é recuar. »

Um jornalista disse, e com bastante senso crittico, que si não se pôde deixar de reconhecer que, na *Honra de um ta-verneiro* a accção é um tanto languida, abunda nelle o dialogo philosophico em que o auctor se deleita, recheiando-o tanto

de maximas moraes, como de ditos agudos e satyricos. Ha na comediamuita coisa bôa e tal de que qualquer escriptor poderia desvanecer-se.

O certo é que a *Honra de um taverneiro* fez um bello successo, e o auctor foi brindado com uma penna de ouro por um grupo de taverneiros lisongeados e agradecidos.

As *Lagrymas de Maria* foram representadas pela primeira vez em dezembro de 1875.

Esta comedia, comquanto não seja peça de estylo, tem, de muito, o seu logar assignalado no catalogo do theatro nacional. O auctor conseguiu, o que muitos, formados em litteratura, não conseguiram nunca e, presumo, não conseguirão jámais.

O *Jornal do Commercio*, cuja opinião é sempre bem acceita em materia de theatro, assim ajuizou desta composição em 19 daquelle mez:

« Moral no seu fundo, tem o drama ao mesmo tempo os attractivos que, habi-

tuadas como se acham as platéas, se tornam quasi indispensavel para assegurar-lhe boa acceitação. Associa-se o comico com o sério quanto basta para romper a monotonia, mas sem que aquelle empreste falsas côres á torpeza, privando-a inteiramente do que tem de repugnante.

« Descrevem-se aqui dous typos contrapostos ! a mulher casada e a impudica: descrevem-se como deveriam descrever-se sempre, desde que se põe um diante do outro. E' pura, immaculada, resignada aquella e amante do seu marido, mesmo desvairado, e procura no amor maternal conforto para o seu dilacerado coração de esposa ; esta é venal, fingida, invejosa, friamente calculista, incapaz de todo o sentimento generoso. Na lucta entre ambas, a mulher honesta, que por armas só tivera a doçura, a resignação e a bondade, triumphada que o não é, e que, apesar de todos os seus artificios, acaba miseravelmente n'uma orgia.

« Em torno destas duas figuras dispõe o auctor outras, que eram indispensaveis

para animar o quadro. Todas são verdadeiras no fundo e copiadas da vida real; entre ellas destaca-se a da mulher beata, tão verdadeira como habilmente pintada.»

O Vasques, no Dr Matheus, estava deslocado: similhante genero não se presta absolutamente á indole comica do intelligente actor, que, a representar um papel dramatico, fez-lhe o effeito de um cypreste em sitio de recreio, de um tumulto enfeitado com alcatifas alegres, ou do carilhão da Lapa dos Mercadores a entornar daquellas torres sombrias e pesadas os sons apimentados de um trecho de opera-comica.

O publico applaude, mas não se commove.

O Vasques deve limitar-se a fazer rir e sempre fazer rir. E' a sua missão neste mundo. Muitas vezes o seu espirito deve sentir-se opprimido em presença dessa obrigação generosa e difficil; mas—que importa?—é fazer rir!... é fazer rir!...

Vejam o enthusiasmo que causam sempre as suas scenas comicas!

A cada phrase, a cada gesto, toda a sala prorompe em applausos freneticos e gargalhadas, que são a prolongação de outras.

Sujeitos ha que, nas galerias, fazem prodigios de equilibrio, preferindo, a não applaudir, o risco de um trambolhão formidando.

Muitos atiram os chapéus ao palco, o que sempre commove o artista e dá certo prazer aos Srs Alvaro de Armada & C., e outros chapelleiros.

O espaço de que disponho não me permite fazer um trabalho completo ; mas comprometto-me a escrever mais tarde, em livro, a biographia de Francisco Corrêa Vasques ; hei de então estudal-o devéras como actor, como auctor e como homem de espirito, que o é.

Termino este esboço de esboço biographico, traçado ao correr da penna, com a

nomenclatura, por ordem chronologica, das composições do Vasques :

JOSÉ MARIA ASSOMBRADO PELO MAGICO, scena-comica, 1859.

O BEBERRÃO, scena-comica, 1859.

JOAQUIM DA COSTA BRASIL, scena-comica. 1860 (24 de maio). Um verdadeiro successo.

AS PITADAS DO VELHO COSME, scena comica, 1861 (30 de agosto). Outro successo :

UM DOS TAES, scena-comica, 1861 (4 de agosto). O Vasques só desempenhou tres vezes esta scena; tomou-lhe aversão por causa de um desastre que lhe succedeu á terceira representação: quebrou a cabeça na quina de um piano.

UM ACTOR SEM THEATRO, scena-comica, 1861 (8 de novembro).

Em 1862:

UM BILHETE PARA O BENEFICIO DO GRAÇA, scena-comica.

VIVA O CIRCO GRANDE OCEANO! scena-comica. Teve immensa acceitação.

A QUESTÃO ANGLO-BRASILEIRA, scenacomica.

O GRAÇA E O VASQUES, dialogo-comico. Foi representado innumeradas vezes, e sempre applaudido.

Em 1863 :

DONA ROSA, scenacomica. (9 de junho.)

POR CAUSA DA EMILIA DAS NEVES, scenacomica.

Em 1864 :

A ORPHAN, scenacomica. Grande successo.

O SR DOMINGOS FÓRA DO SÈRIO, scenacomica. Explendido successo. Uma das corôas de gloria do Vasques. (15 de março).

JOAQUIM SACHRISTÃO, scenacomica. Prohibida pelo exm bispo diocesano, cinco annos depois : contava cerca de quatrocentas representações.

O GYMNASIO DE ROUPA NOVA, scenacomica.

OS NAMORADOS DA JULIA, scenacomica.

O DIABO NO RIO DE JANEIRO, scenacomica.

O VASQUES PELOS ARES, scena-comica.

Produccões de 1865:

O MENINO MONCLAR, scena-comica.

OS DOIS INFERNOS, comedia. Fez época.

MAIS UM COPOLOGO, scena-comica.

O BRASILE O PARAGUAY, scena dramatica.

QUERO CAZAR MINHA SOBRINHA, comedia.

Em 1866, escreveu o *Orpheu na roça*.

O entusiasmo do publico por esta peça tocou as metas do delirio.

Em 1867:

ROCAMBOLE NO RIO DE JANEIRO, scena-comica. Dáhi por diante:

Scenas-comicas:

O ADVOGADO DOS CAIXEIROS, AGUENTE-SE NO BALANÇO (successo recente), VARIACÕES DE FLAUTA E DIABRURAS DO SOUTO.

Dramas:

A HONRA DE UM TAVERNEIRO, AS LAGRIMAS DE MARIA, dois grandes successos.

Extrahidos de romances:

A FILHA DE UM CONDEMNADO E OS ESTRANGULADORES.

E mais:

O primeiro acto da RAINHA CRINOLINE.

ORPHEU NA CIDADE, que não obteve o
exito do seu homonymo da roça.

FAUSTINO, interessante parodia do *Faus-*
to, de Dennery.

AH! COMO EU SOU BESTA! cançoneta.

O SELLO DA RODA, scena dramatica.

GERALDA, GERALDINHA, imitação da ope-
reta *Giroflé-Giroflá*, de collaboração com
Eduardo Garrido.

E' possivel que me tenha escapado al-
guma.

ARTHUR AZEVEDO.

Rio, 26 de junho de 1879.



OS DOUDOS
COMEDIA EM 3 ACTOS, EM VERSO
(Fragmentos)

Acto primeiro

SCENA I

MARIA, VIRGINIA

*Sentadas ambas á mesinha do centro,
a comporem um vestido*

MARIA

Que te parece esta fita ?

VIRGINIA, *indifferente.*

Bôa !

MARIA

Comprei-a fiado.
Com teu vestido enfeitado
Has de ficar bem bonita.
Que é velho ninguem dirá!

VIRGINIA

Ora, mamãe ! um vestido
Já velho, sujo, encardido...

MARIA

Novo e limpo ficará.
A viscondessa de Souza
Um vestido reformou
Com que já se apresentou,
E ninguém deu pela cousa.

VIRGINIA

Excepto vocemecê.

MARIA

Pois ha lá quem me confunda
Com *toilettes* em segunda
Edição ? Não vê ! Não vê !...
Depois de profundo estudo,
Reconheci, afinal,
Que o vestido pouco val,
E os accessorios são tudo.

SCENA II

AS MESMAS, MARGARIDA, *mucama*

MARGARIDA

Querem que sirva o café ?

475948-01975



MARIA

Sim. (*Margarida sae.*)

VIRGINIA

Para fallar verdade,
Não me sinto com vontade
De sair. Não sei o que é...
Si a mamãe me não houvesse
Que seja recommendado
O meu primeiro cuidado
O baile...

MARIA

Si te parece !
Nos bailes é que se arranjam
Os casamentos melhores,
E não voluveis amores
Que amores serios constranjam.
Não nos escape nenhum !
(*Virginia leva a mão ao estomago.*)
Sentes-te mal ?

VIRGINIA

Não é nada...

MARIA

Sei o que é isso... Coitada !

Inda estamos em jejum.

*(Margarida entra com uma bandeija, col-
loca-a sobre a mesinha e retira-se.—
Servindo o café.)*

Bebe emquanto está quentinho,
Pois ha de fazer-te bem.

VIRGINIA

Não quero!

MARIA

Bebe! Já tem
Assucar... Bebe um gollinho.

VIRGINIA

Tenho o estomago vasio ;
Não quero tomar café.

MARIA

Bebe, menina, é o que é,
Emquanto não fica frio!

*(Depois de beberem em silencio e a largos
sorrivos.)*

Minha filha, infelizmente
O nosso estado é precario ;
Melhoral-o é necessario,
Que não estou nada contente.

Tens sido muito caipora...
Tens sido, filha, tens sido...
Mas ha de vir um marido :
De hora em hora Deus melhora.
—E não perdes uma vasa !
Vaes a bailes todo o dia !
Faz idéa o que seria
Ficando mettida em casa !
O querer ver-te casada
Leva-me a certos assomos...
A quatro bailes já fomos,
Sem que eu fosse convidada.

.
.
.

VIRGINIA

Só me namoram maridos,
Os solteiros...esses não !

MARIA

Hão de vir : tem paciência ;
Roma não se fez n'um dia.
A pura galanteria
Não é nenhuma indecencia.
Reputações não derrubam

Namoros tão passageiros ;
Tanto se casam solteiros,
Como casados enviuvam.

.
.
.

Tu, si a vontade lhe fazes
(Duvido que a tal te atrevas !),
Has de ver que vida levas !
Nem mais faremos as pazes !
Ao passo que, si fizeres
Bom casamento, verás
Com que luxo viverás !
Has de passar como queres !
Os tempos do meu defunto
Commendador voltarão :
Verás que emigra o feijão
E torna a casa o presunto !
Eu já te vejo feliz
Com sedas, com carruagens !
Farás algumas viagens
A Petropolis...Paris...
Talvez até—quem nos déra !
Venhas a ser viscondessa !
Olha, não dóe-me a cabeça ..

A Lolotinha o que era?
Não está senhora marquezia?

.
.
.

(Erguendo-se)

Bravo, minha filha, bravo!
Que sublime desaggravo
Aos manes de tua avó
Que dama do paço foi
No tempo da independencia!
Minha illustre descendencia
Um lhe-gue-lhé não destróe!
Era agora o que faltava!
O Frederico! Que graça!
Conheço-lhe toda a raça;
A bisavó foi escrava,
E o pae era...carpinteiro.

MARGARIDA, *entrando*

Está um sujeito lá fóra:
Procura pela senhora.

MARIA

Deve ser o cab'leireiro,
Que ha pouco chamar mandámos.

(Tomando a vestido e as fitas, a Virginia)

Parece uma saia nova!

(A Margarida)

Manda-o entrar para alcova.

— Vamos, Virgínia.

VIRGINIA

Vamos.

(Saem pela esquerda)

ARTHUR & ALUIZIO AZEVEDO.



BIBLIOGRAPHIA

O nosso distincto collaborador, Sr Gaspar da Silva, offereceu-nos um exemplar da *Carta de um emigrado*, ultimamente publicada em folheto e escripta a proposito da recente especulação litteraria do Sr Camillo Castello-Branco, o *Cancioneiro alegre*.

Parece-nos, e ainda mal, que se realisaram os presentimentos do sarcastico e pouco aceiado auctor das *Scenas da Foz*; é triste, mas é já agora uma triste verdade: o Sr Camillo Castello-Branco está soffrendo de amollecimento cerebral.

Não ha em verdade outra causa que explique e attenue os insultos e más palavras, que ao Brasil e aos poetas brasileiros dirige o atrabiliario e irritadiço Sr Camillo.

Em deffensão da nossa poesia menosprezada sae a campo o Sr Gaspar da Silva, escriptor portuguez de character illibado e talento incontestavel, que, respeitando a erudição e a fecundidade do ro-

mancista seu compatriota, verbérra o ganancioso rabiscador do *Cancioneiro alegre*.

O folheto é offerecido a Arthur Azevedo, Assis Brasil, Affonso Celso Junior, Fontoura Xavier, José do Patrocínio e Theophilo Dias, que representam, no dizer do Sr Gaspar da Silva, a nova geração litteraria do Brasil, geração cheia de vida, de intelligencia, de enthusiasmo e de aspirações.

Cuidamos que o auctor da *Carta* omittiu muitos prestigiosos nomes pertencentes á moderna geração e dos quaes citaremos Teixeira de Souza, Generino dos Santos, Magalhães Castro, Belisario Soares de Souza, Lopes Trovão, Alberto de Oliveira, Mario, Luiz de Andrade, Vicente de Souza, Dermeval da Fonseca, Mucio Teixeira, Annibal Falcão, Arthur de Oliveira, Lucio de Mendonça, Alfredo Bastos, Thomaz Alves Filho, Teixeira Mendes, A. A. de Mendonça, etc.

Sejamos francos: a nova geração litteraria do Brasil não se compõe apenas dos

sete amigos particulares do Sr Gaspar da Silva.

Aparte esta ligeira reflexão, que, estamos certos, será tomada na devida consideração pelo auctor do *Antes de soprar a luz*, applaudimos com todo o enthusiasmo o escriptor pela obra e complimentamos agradecidissimos o homem pela bôa acção.

O Sr Arthur Barreiros, um dos mais distinctos collaboradores da *Revista dos Theatros*, assignou tambem um protesto contra certas e determinadas paginas do *Cancioneiro alegre*, que discretamente classifica de *parallelepipedo de papel sujo de tinta*.

As palavradas que o Sr Camillo Castello Branco vomitou contra alguns bons poetas deviam ser dadas ao desprezo, pois que é justamente com o que menos conta o talentoso charlata: o Sr Barreiros gastou cera com ruim defunto.

Para que não se dê por offendido nenhum dos individuos abocanhados no tal

Cancioneiro, basta-lhe a leitura da seguinte anedocta, apanhada n'um Café do Porto ou de Lisboa :

De uma vez em que discutiam n'um grupo o merecimento de um livro, escripto e publicado por uma senhora, pediram sobre a auctora a opinião do Sr Camillo.

— E' uma bôa rapariga, respondeu o auctor do *Bazilio Fernandes Enxertado*; estou com ella ha dous annos, e nunca me pregou doenças.

Por amor do Sr Camillo, a senhora de quem se tracta tivera por largo tempo a luz coada pelos ferros da cadeia publica.

Quem deseja, pois, cahir em graça de um desalmado assim? Seria o cumulo da ambição.

Por ultimo, diremos que o folheto do nosso estimavel collega está escripto com muita graça natural e em boa linguagem portugueza.



NOTÍCIAS THEATRAES

No Vaudeville de Paris, tem sido representada com algum successo a comedia em 3 actos de Ed. Gondinet, *Les tapageurs*, em que entram mais de vinte e cinco personagens.

Esta peça, segundo alguns periodicos, é uma successão de quadros de costumes, escripta com muito espirito e muita *verve*, mas quasi sem accção dramatica.

O *Dom Juan*, de Mozart, voltou á scena do Opéra.

O actor Gil-Naza, do Ambigu, tem recebido os maiores elogios da imprensa franceza no papel de Coupeau, do *Assommoir*, drama extrahido do romance de Emilio Zola por Chabrillat e Gastineau.

Subio á scena, na Comédie-Française,

uma comedia de Pailleron, intitulada *A scentelha*.

O maestro francez Gounod concluiu uma nova opera, *O tributo de Zamorra*.

O poema é de Dennery.

A *Viagem do Sr. Perrichon*, uma das melhores comedias de Labiche, voltou, com grande successo, á scena do Odeon, desempenhando o papel de protogonista o excellente actor comico Montbars.

O Sr. Chivot leu aos artistas do Palais-Royal um vaudeville em 5 actos, *Os inquietos do Sr. Blondeau*.

A *Judia*, de Halevy, já conta cem representações no Opera de Berlim.

V. Sardou está concluindo uma comedia em 5 actos para a Comédie-Française.

Nossa Senhora de Paris, drama extrahido por Paulo Foucher do romance de Victor Hugo, está em scena no Theatro das Nações.

Depois de *Nossa Senhora de Paris*, re-presentar-se-á o drama japonéz de Máeda Masina, *Yamato*, accommodado á scena franceza por Gustavo Bertrand.

A Madrasta, de Balzac, vae ser representada no Odeon.

Representaram-se no Porto :

No theatro Baquet : *Os ladrões do mar* e *A falsa adultera*, elegantemente vertido para a nossa lingua por Julio Gama.

No das Variedades o drama em 5 actos de Pinheiro Chagas *Helena*, o qual foi calorosamente applaudido. Estremaram-se no desempenho os actores Soares, Godinho e Amado, assim como a actriz Emilia.

No dos Recreios : *O testamento azul.*

Ultimamente tem ido á scena em Lisboa :

Nos Recreios Whittoyne o *Testamento azul* e *Jugar con fuego.*

No theatro da Trindade *Os Sinos de Corneville* e *A embaixatriz.*

No Gymnasio a *Batalha das damas* e *o Avô.*

No theatro da rua dos Condes *O rei dos bandidos* e *Os ladrões do mar.*

No theatro D. Maria II *Os fidalgos da casa mourisca.*

Victor Hugo auctorizou o Sr Pedro Elzéar a extrahir um drama do romance *Bug-Jargal* para o theatro Château-d'Eau.

O maestro Suppé, auctor da *Fatinitza*, está escrevendo uma nova opereta, *Dona Juanita*, cuja acção se passa em Hespanha.

Ensaia-se no theatro de Wiesbaden uma opera de Gramman, o notavel compositor de *Melusina*. E' tirada da historia da Allemanha e intitula-se *Thusnelda*.

Um fidalgo da Bohemia, o conde Leopoldo Lazansky, renovando os usos e costumes de outr'ora, acaba de construir em seu castello de Chiesch um theatro para o qual contractou uma companhia composta de artistas distinctos.

O maestro Weckerlin acha-se em Colmar, dirigindo os ensaios de uma opera inedita de sua composição, intitulada *A vingança*. O poema, escripto em dialecto alsaciano, tem tres actos e um *divertissement* coreographico.

No theatro do Fondo, de Napoles, obteve successo a nova opera-comica em 4 actos *Babilas*, de Cesar Rossi.

L'Assedio di Cesarea, nova opera cantada em Chieti, valeu ao compositor, o maestro Persiani, quarenta chamadas á scena!

Deve ser uma obra prima!

A seguinte notícia pôde ser incluída nesta secção:

O Congresso de Londres, organizado pela Associação Litteraria Internacional, sob a presidencia honoraria de Victor Hugo, abriu as suas sessões no dia 9 do passado, ao meio dia, nas salas do Royal-Institut, postas á disposição dos litteratos pelo respectivo presidente, o Sr Spotiswoode. A commissão ingleza, sob a presidencia do Sr Blanchard Jerrod, comprehende as mais illustres personalidades da Gran-Bretanha; Tennyson, Froude, sir Anthony Trollope, miss Braddon, etc. Lord Beaconsfield, isto é, o romancista Disraeli, assistirá ás sessões. A Allemanha será representada por Berthold Auerbach, Leoventhal, etc.; a Hespanha, por

Castellar, Guell y Rente e Araus ; os Estados-Unidos, por Bancroft, King, Brown Havard; Portugal, por Mendes Leal e o duque d'Antas; a Italia, por Mauro-Macchi, Barilli, Sonzogno; a Austria-Hungria, por Johannes-Vordmann e Dr Nordau; a Polonia russa, por Szymanowski e Mickiewiez; a Russia, por Tourgueneff, e, finalmente, a França por Edmundo About, Frederico Thomaz, Adolpho Belot, Luiz Ratisbonne, Pedro Zaccone, Luiz Ulbach, Julio Lermana, etc. Na primeira sessão o Sr Nery, delegado do Brasil e autor dos folhetins *Ver, ouvir e contar*, do *Jornal do Commercio*, procedeu á leitura do relatorio dos trabalhos do anno; na segunda, fez leitura de uma memoria sobre as traducções o Sr Julio Lermana; na terceira, o Sr Julio Claretie tratou da questão de adaptação. As questões concernentes á propriedade musical tem no Congresso defensores especiaes.

O grande barytono Faure voltou a Paris depois de nove triumphaes representações

dadas em Bordéus em menos de vinte dias, as quaes fizeram uma receita de 80.000 francos. Na grande cidade estreou em uma *matinée* dada no Palacio do Trocadero em beneficio dos innundados de Szegedin.

Falleceu em Dessau o tenor Franz Diener, um dos melhores da Allemanha. Era um excellente musico. Começara a sua carreira artistica na orchestra do theatro Kroll, de Berlim. O successo que Diener obtivera nas operas de Wagner fez com que os seus compatriotas o collocassem ao lado de seu tenor favorito—Nieman.

Parece que a celebre acrobata miss Leona Dare, muito conhecida do publico fluminense, vai ser actriz.

O *Globo* de 1º de junho annuncia a sua proxima estréa n'um theatro parisiense.

Meilhac e Halévy, os irmãos siameses da litteratura dramatica, preparam para o

Vaudeville, de Paris, uma comedia em 5 actos, cujo titulo era ainda segredo á ultima data.

Do *Nababo* de Alphonse Daudet foi extrahido um drama pelo proprio auctor. Annunciam tambem os jornaes parisienses uma grande peça de Dumas.

Emilio Zola extrahio tambem um drama dos *Rougon-Macquart*.

O titulo é o de uma das partes dessa obra: *Sua excellencia Eugenio Rougon*.

A peça é em 5 actos e 1 prologo.

Um dos actos passa-se na estribaria e reproduz a famosa scena de amor de que certo hão de estar lembrados todos os leitores de Zola.

OS CONTOS DE HOFFMANN

DO « FIGARO »

Os contos de Hoffmann, fragmentos de uma opera phantastica em 5 actos, lettra dos Srs Julio Barbier e Miguel Carré, musica do Sr Jacques Offenbach.

Foi nos salões do Sr Jacques Offenbach que uma parte escolhida das pessoas, que por via de regra assistem ás primeiras representações, acaba de travar conhecimento com uma opera inedita que o publico francez não será, infelizmente, o primeiro a applaudir.

Eis em poucas linhas a historia desse trabalho que marca uma phase, mais nova para nós que para os viennenses, na fecunda carreira artistica do Sr Jacques Offenbach:

Os Srs Barbier e Carré eram muito moços quando fizeram representar em 1851, no Odéon, um drama phantastico em 5 actos, cujo protogonista era Hoffmann; não ha mais de tres annos, porém, que o

Sr Offenbach descobrio que esse drama dava um excellente libretto de opera de genero, comtanto que o sobrevivente dos dous collaboradores se prestasse a uma transformação que bem pouco deveria custar a tão adestrada penna. Fez-se sem delongas o accôrdo entre o poeta e o musico, accôrdo que teve a adhesão calorosa do Sr Vizentini, que então dirigia o theatro Lyrico.

Hoje está terminada a partitura, mas o theatro Lyrico já não existe. O Sr Offenbach não pôde resistir aos desejos do director da Opera Imperial de Vienna, que, seduzido pelo assumpto e pela musica, empenhou-se em offerel-a ao publico daquella cidade, dando aos *Contos de Hoffmann* o prestigio de uma execução superior e de uma encenação digna, pelo brilhantismo, do desenvolvimento artistico da obra.

O Sr Offenbach, antes que a sua partitura atravessasse o Rheno, quiz apresental-a aos seus amigos de França (para obter licença) segundo a formula, faceirice

innocente e legitima de um artista que se apraz em vender-nos um prazer de algumas horas pelo preço de uma saudade prolongada. Sem aventar juizo definitivo sobre o conjuncto de uma opera em 5 actos, pela audição de pequeno numero de fragmentos, escolhidos menos pela propria importancia do que pelas facilidades de sua execução fóra dos recursos scenicos, não me engano, cuido, affirmando o alto valor da partitura.

Os contos de Hoffmann, que nada, absolutamente nada nos depara do genero até hoje seguido pelo *maestro*.

Para comprehender o character e a côr geral desta musica, basta saber que o poema encadea, dando-lhes vida e movimento, tres dos mais conhecidos contos de Hoffmann: o *Homem de arêa*, *Pedro Schlemysl* e o *Violino de Cremona*. Para ligar entre si estes diversos episodios, para dar-lhes unidade e cohesão scenicas, os autores engenhosamente se inspiraram no proprio Hoffmann. Sabe-se—quem poderia esquecer este prodigioso pesadello!—

que na imaginação perturbada de Nathaniel do *Homem de arêa*, o advogado Coppelius e o vendedor de barômetros italianos Coppola formam com o homem de arêa um só e mesmo personagem. Os librettistas generalisaram de tal modo o processo, que Coppelius ou Coppola, o conselheiro Lindorf, o doutor Milagre e o capitão Dapertutto não são, aos olhos de Hoffmann, o visionario, sinão as metamorphoses successivas de uma unica e mesma individualidade : o Diabo.

Assim, Stella, Antonia, Giulietta são, n'uma só creatura, as amantes, ideaes ou reaes, do poeta, e todas tres desapparecem alternativamente, deixando-o afinal nos braços da Musa, a unica amante, a unica companheira digna do seu genio.

O poema dos *Contos de Hoffmann* apresenta mais de uma analogia intellectual e scenica com o do *Fausto* de Gounod e da *Mignon* de Ambrosio Thomaz ; similhança inevitavel, não só porque os Srs Barbier e Carré contaram unicamente comsigo, como porque o genero litterario de Hoffmann

offerece, na essencia, e em que peze ás dissimilhanças externas, admiraveis afinidades com o de Goethe.

O Sr Offenbach fez-se forçosamente sonhador para entrar na intimidade do seu assumpto a um tempo vago e dramatico, abundante em perspectivas fugazes e reaes terrores. E' a esse lado fluctuante do pensamento que responde a melodia de Antonia: *Elle a fui, la tourterelle*, que a senhora Franck Duvernoy canta com tanta expressão. Mas a melancolia transforma-se em volupia no *duetto* (a 6 por 8 em ré maior), que cantam Guilietta e Nicklaus (ou a Musa) e que o auditorio transportado quiz ouvir duas vezes.

A introduccão do primeiro acto (a 3 por 8 em fa maior) é um *scherzo* no genero de Mendelssonh; o canto inspirado da Musa é original e humoristicamente commentado pelos *glu! glu!* dos Espiritos invisiveis que resoam como o *pizzicato* de uma guitarra aerea.

A scena capital do primeiro acto, com-

posta de quatro numeros, o còro dos estudantes, a entrada de Hoffmann, a lenda do pequeno Zacharias, e a visão do passado, é bellissima. Do còro dos estudantes, *allegro* em dó, *Drig! drig!* direi sómente que foi calorosamente bisado. Hoffmann vem reunir-se aos companheiros, bebe, começa a cantar-lhes a lenda dolorida de Zacharias. Suspende o canto ; a lembrança de Antonia apodera-se-lhe da alma ferida e exala a sua dôr n'uma larga cantilena, de um estylo nobre e commovedor.

Apresso-me em apontar as engraçadas coplas bachicas do capitão Dapertutto para fallar do final do terceiro acto, o canto e a morte de Antonia, soberbo tercetto entre soprano, contralto e baixo profundo. O effeito desta bella pagina será, creio, immenso.

O Sr Jacques Offenbach achou na voz fogosa da Sra Franck Duvernoy, no excellente estylo da Sra Lhéritier, na voz mordente e suave do Sr Taskin, e na solidez musical do Sr Hugnez, os elementos de uma excellente interpretação.

A partitura dos *Contos de Hoffmann* é melodica e elegante, de uma expressão larga e verdadeira, e, o que é verdadeiramente extraordinario, não lembra o Offenbach do *Orpheu nos infernos* e da *Vida parisiense*. O Sr Offenbach resolveu este problema novo : não imitar ninguem, e não se parecer comsigo mesmo.

Os *Contos de Hoffmann*, quer partam decididamente para Vienna, quer fiquem entre nós, hão de alcançar um grande, um legitimo successo artistico.

AUGUSTO VITU.



MOSAICO

Havia agradado bastante uma comedia mediocre. Um dos amigos do autor, que não sabia mentir, confessou-lhe com toda a franqueza que, apesar do successo, não lhe agradára a composição.

— Meu amigo, o verdadeiro juiz é o publico, replicou o autor estomagado.

Algum tempo depois, nova comedia. Dessa vez houve pateada, e pateada grossa.

— Então? disse ainda o implacavel amigo; o verdadeiro juiz é o publico, heim?

— Não, não! E' um máu juiz! Não tem senso commum!

— Ah! agora é que você sabe? Eu já tinha dado por isso desde a sua primeira peça.

Um calembourg tolo:

Os italianos, quando se despediam de Emilio Doux, agradeciam-lhe em inglez; diziam-lhe: *Addio, Doux.*

O outro dia dizia-se em uma roda :

— Estão no Rio de Janeiro duas unicas
pessoas elogiadas por Victor Hugo : sua
magestade o imperador e o Rossi.

Alguem observou timidamente :

— E o José Palmella ?

Um cavalheiro bastante idoso vai á casa
de uma de nossas actrizes :

— Não tenho a honra de ser conhecido
pela senhora... Mas sua mãe...

— Olé ! Por ventura o senhor será
meu pae ?

Em 1853, o theatro das Variedades, de
Paris, dava a primeira representação do
Notaire á marier, que foi *bifada* em Por-
tugal por um gajo que lhe deu o seguinte
titulo : *Um procurador á procura de noiva*
(um titulo do tamanho de sua audacia). O
publico pateava a peça. Um sujeito, n'uma
frisa, era o unico a applaudir.

— Então o senhor gosta da peça ? Está
applaudindo tanto !

— Eu? Não gosto nada; estou applaudindo os que pateiam.

Um empresario de Madrid encomendou a dous actores duas peças em verso para celebrar um nascimento real; uma celebrava a vinda de um principe, a outra de uma princeza. Esperava o acontecimento como sujeito previdente, que era.

— Mas si por acaso, disseram-lhe, nascerem dous gemeos?

— Oh! diabo! exclamou elle; vou encommendar outra peça!

Dahi a pouco tempo a rainha teve... um movito.

Achava-se na capital da Bahia uma pequena companhia lyrica, escusado é dizer —italiana.

Uma noite em que se devia cantar o *Hernani*, disseram ao administrador, o Sr R. L., que, tendo adoecido o baixo que devia cantar a parte de Silva, o espectáculo devia ser transferido.

— Mas a companhia não tem dois baixos? perguntou o administrador.

— Tem, mas o outro é buffo.

— Pois que cante o Silva de buffo!

O mesmo R. L. tendo entrado uma noite no camarim do tenor, disse-lhe este, referindo-se á vasante que havia na sala do espectáculo :

— Oh! questa sera non é buona!

O administrador retorquio, apontando para uma vella que ardia no camarim :

— Não, senhor, não é cera: é carnaúba.

Uma noite o publico chasqueava da fealdade de Legrand, o auctor-actor do Theatro Francez.

— Que nariz! que bocca! exclamavam.

E as gargalhadas succediam-se.

Legrand, sem desconcertar-se aproximou-se do proscenio, e disse á plateia :

— Meus senhores, é mais facil que vos

acostumeis á minha cara do que a mim de substituil-a por outra.

Um dia em que João Caetano jantava n'um hotel em companhia de varios amigos, servio-se de um magnifico alfinete de brilhantes para abrir nozes.

No fim do jantar, observando-lhe um amigo que elle se esquecia do alfinete no prato, respondeu:

— Não costumo levar os quebra-nozes!

Marido e mulher assistiam no S. Luiz á representação da *Joia*, do Arthur Azevedo. No fim do segundo acto, ella dirige-se a elle nestes termos:

— Para ver isto não deviamos ter saído de casa!

Quando Rachel, a grande tragica, foi admittida no Conservatorio de Paris, solicitou as lições particulares de um ar-

tista de talento, Provost, que lhe respondeu :

— Ora, vá vender flôres, menina!

Rachel uma noite vingou-se com muita discrição deste mau propheta. O theatro estava cheio ; ella acabava de crear o papel de *Hermiona*. Applaudida com enthusiasmo, chamada á scena com delirio, conseguiu encher a sua tunica grega de flôres atiradas ao palco; e correndo para junto de Provost, ajoelhou-se e disse a sorrir :

— Acceitei o seu conselho : vendo flôres, quer m'as comprar ?

POESIA

EM SANTA THEREZA

Eu gostei de te ver de manhã cedo,
Aspirando a bucolica frescura,
Ao pé do ribeirinho que murmura
Os tormentos de um liquido segredo.

Orvalhavas as plantas de agua pura,
Jardineira gentil, entre o arvoredos,
Emquanto eu contemplava, mudo e quedo,
A tua deslumbrante formosura.

Delicada camelia, ás outras flôres
Vencias na brancura transparente
E no brilho dos olhos tentadores ;

E eu, absorto, palido, doente,
Perante a flôr gracil dos meus amores
Ajoelhei constricto e reverente.

F. DE ALMEIDA.

POMO DO MAL

Dimanam do teu corpo os grandes digitalis,
Os philtros da lascivia e o sensualismo bruto...
Tudo que em ti revive é torpe e dissoluto,
Tu és a encarnação da synthese dos males.

No emtanto toda a vez que o seio te prescruto,
A transbordar de amor como o prazer de um calix,
Assalta-me um desejo, ó gloria das Omphales !
— Morder-te o coração como se morde um fructo.

Então, si dentro delle um mal que a dôr excite
Contém demais que o pomo esteril do Asphaltite...
Eu beberia a dôr nos éstos do delirio !...

Ah ! pudesses me ouvir, phantastico, medonho,
Como um canto de morte ao rythmo d'um sonho,
O poema da carne a dobres de martyrio !

FOUTOURA XAVIER.

Si eu sempre te escutasse ! Outra consolação,
Outro bem, outra voz, tudo desdenharia !
Isto canta-me dentro, enche-me o coração...
Vae-me por alma afóra... E como um bello dia,
Cheio de azul e sol, que avista-se do mar,
N'uma terra onde ha muito ausente nos espera
Uma irmã pequenina, alva como o luar,
E outras coisas de amor, flôres e primavera.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

CHRONICA

Ernesto Rossi.—*As ruínas do Castello Negro.*—
Emilia Adelaide.—Mattos.—Alvaro.—*Nhó-nhó.*
As indiscretas.—Chuviscos.—Eugenio de Magalhães.—*Uma noite no castello.*—O joven Telemaco.—O Sr Mello Dias (*amante das mesmas.*)—S. Pedro.—Necroterio.—Casino—*Madame Favart.*—Penhora.

Chegou a 22 do passado o eminente artista Ernesto Rossi, uma das mais legitimas e fulgurantes glorias da formosissima patria de Cavour, Mazzini e Garibaldi.

A esta épica trindade, que, depois de realisar a unificação italiana, tornou a Italia um paiz liberal e uma potencia poderosa e respeitavel, fazem *pendant*, na esphera artistica, os vultos magestosos de Salvini, Rossi e Ristori.

Deve-lhes o seculo XIX o conhecer com vida, fórma e acção os enormes personagens das tragedias celebres. Verdadeiros Protheus da scena, são beneméritos, ao mesmo tempo, da arte e das letras.

Rossi estreou no *Othelo*, uma das im-

mortaes obras do divino Shakespeare. Os grandes litteratos e os grandes criticos contemporaneos já disseram tudo o que póde dizer-se dos tres semi-deuses. A critica proferiu a ultima palavra sobre elles.

Nós, pois, não devemos nem podemos sahir da admiração extatica, do enthusiasmo mudo.

Na impossibilidade absoluta de emittir juizo sobre o trabalho de Rossi, o que, todavia, é permittido ao Caipira, limitamo-nos a saudal-o com toda a reverencia, que nos merece a soberania do genio.

As Ruinas do Castello Negro, drama-lhão de complicadissimo enredo, estão fazendo a delicia dos *habitués* do theatro S. Luiz.

No genero, é uma das melhores peças que conhecemos. As situações dramaticas e os lances violentos e commove-dores succedem-se. O publico miudo está no seu elemento. Tem o que deseja.

O desempenho não satisfaz. Apenas Emilia Adelaide e Camillo merecem elogios.

Nas mais importantes scenas dos ultimos actos, Emilia Adelaide demonstra ser a primeira actriz dramatica portugueza, titulo que, aliás, não póde soffrer contestação.

Camillo confirma os seus creditos de artista consciencioso e muito discreto.

Não sacrifica a verdade ás gargalhadas da platéa. Faz muito bem.

Mattos perdeu a originalidade e deixou seduzir-se pelos applausos inconscientes da classe caixeiral. Podia tornar-se um excellente artista comico e é tão sómente um grotesco! E' dura e amarga esta verdade, mas dizemos-lh'a pela sympathia que nos merece, na intenção de desvial-o da vereda que preferiu. Taborda, Antonio Pedro, Vasques, Izidoro e Joaquim de Almeida foram pelo caminho opposto.

Alvaro tem muito talento, mas tem maiores pulmões!

Deu em gritador este distincto artista,

e agora torna-se muitas vezes insupportavel.

Ha um meio termo entre a gritaria de Alvaro e o segredar de Lucinda Simões. E' esse meio termo que deve ser adoptado.

Peregrino dispõe de sentimento, mas diz mal. Aperfeiçoado na dicção, seria um actor notavel.

Os outros toleram-se. As *Ruinas* devem fazer carreira.

No mesmo theatro representou-se uma *pochade*: *Os illusionistas Kellar e Fagundes*, que fez rir bastante, graças a Peregrino e Mattos.

Ensaia-se alli a espirituosissima comedia de Hennequin e Najac, *Bébé*, traduzida por Arthur Azevedo, que abrasilheirou o titulo: *Nhô-nhô*. O papel do travesso protagonista será desempenhado por Emilia Adelaide.

No Gymnasio tivemos a engraçada co-

media de Dumanoir, *Les femmes terribles*, transformadas em *Indiscretas*; Lucinda, Maria Adelaide e Furtado Coelho vão muito bem; Simões, Torres e Galvão muito mal.

Ainda bem que a empresa contractou um galan, o Sr Eugenio de Magalhães...

Lucinda Simões tem, nas *Indiscretas*, um papel de sua especialidade.

Já lhe apontámos o vicio de fallar a *mezza voce*, vicio que facilmente evitará, si não fôr teimosa; cumpre-nos pedir á gentil actriz que não repita *machiavelico* — e diga — *machiavelico*. E' de pessimo effeito a syllabada.

Em uma linda comedia, *Chuviscos*, primorosamente vertida pelo Dr Ferreira de Araujo, estreou o Sr Eugenio de Magalhães, uma das mais pronunciadas vocações artisticas que conhecemos no Brasil.

Foi pouco generoso o Sr Furtado, obrigando-o a estrear em uma comedia n'um

acto. Ainda assim, constrangido no papel, o intelligente e estudioso moço pôde mostrar-se artista superior...a muitas mediocridades chatas e pretenciosas.

Esperamos vel-o n'um drama, para aquilatar-lhe devidamente o merito.

Para beneficio de Lucinda Simões, ensaia-se uma peça, que fez grande successo na Europa, *Os Danicheff*.

A traducção desta peça é feita pela interessante actriz.

A Phenix vae, como sempre, de vento em pôpa, graças aos bons esforços da empresa e dos actores.

Uma noite no castello veio avolumar a esplendida reputação de Henrique de Mesquita; e *O joven Telemaco*, apesar de ser um joven velho, tem levado grande concorrência á rua da Ajuda. Vasques e Guilherme são impagaveis em *Telemaco e Mentor*.

O actor Pinto dá um especial relevo á parodia do deus Cupido.

O *Sr Melodias* é uma bôa gargalhada que Guilherme, Vasques, Pinto e Lisboa provocam de toda a gente. A engraçada operetta espera que se lhe reproduzam os primitivos triumphos.

O auctor ou imitador do *Sr Melodias* é, como todos sabem, o Sr Augusto de Castro, o caipira das sextas-feiras.

A sua critica a Ernesto Rossi coincidiu com o annuncio da primeira representação do *Sr Melodias*.

Ensaiam-se na Phenix *Fagundes*, comedia em 3 actos, original do Dr Ferreira de Araujo, e a *Loteria do Diabo*. O papel do principe, creado pela Sra Rosa Villiot, que partiu para a Europa a 24 do passado, será desempenhado pela Sra Gobernatis

O S. Pedro d'Alcantara não é mais um theatro: é um necroterio! Lá estão estendidos os cadaveres da altiva Leonor, de Luiz Fernandes, da Morgada, do capitão-mór... Barbaro Martins! O' Herodes, em que transformaste tu esse glorioso tablado?! Pois com os artistas de merecimento que tens, embora poucos, não podias fazer mais, pois que nada fazes?

No Casino está funcionando uma companhia franceza, que acaba de representaranova opereta de Offenbach, *Madame Favart*. As perseguições do duque de Saxe contra Favart, o auctor-actor, e sua mulher, por causa do *lucrecismo* desta, depararam a Chivot e Doru, os espirituosos autores da *Flôr de chá* um *libretto* cheio de vida e de graça. O typo de Favart e o de Pontsamblé estão perfeitamente desenhados. Offenbach, que se encarregou da musica, conseguiu escrever mais uma partitura digna de sua fama, apesar de que, em alguns trechos, procu-

rou reproduzir-se. Mas já é alguma coisa não furtar sinão de si proprio.

O desempenho que a esta producção, genuinamente franceza, dá a nova *troupe* da rua do Espirito-Santo, está abaixo da critica.

Massart parece ter perdido a sua linda voz. Roger faz-nos o effeito de uma lima a passar na beira de um prato. O Sr Charson não dá ao personagem de Pontsamblé a força respectiva. A Sra Suzanna, que nas horas vagas cultiva a arte, e a Sra Theodora Villiot, nem ao menos se tornam dignas de menção.

E' caricato.

A encenação e os vestuarios são regulares; mas a respeito de corpo de córos e comparsaria, temos conversado.

O baile do segundo acto parecia uma partida de sólo em familia.

Para terminar :

Informam-nos que o Sr Escudero acaba de ser penhorado : perdeu o seu theatrinho.

E' a sorte dos que nesta terra se mettem a fazer alguma cousa em prol de qualquer das nove filhas de Apollo.

GASPAR DA SILVA.



EXPEDIENTE

A todas as redacções a que endereçamos a *Revista dos Theatros* rogamos o especial obsequio da permuta.

De antemão protestamos o nosso reconhecimento.

A redacção da *Revista dos Theatros*, da melhor vontade franqueia as suas paginas a todos os talentos que queiram honral-a com seus escriptos sobre litteratura dramatica.


Reservamo-nos o direito de guardar todos os autographos que nos forem remettidos, muito embora não sejam publicados.

Todas as reclamações podem ser dirigidas aos editores Lombaerst & Ca., rua dos Ourives n. 7.

Para dar testemunho de reconhecimento e devido apreço aos actores que nos obse-

quiarem com exemplares de suas publicações, deliberamos encetar uma secção bibliographica.

Todos os jornaes, impressos, escriptos ou correspondencia para a *Revista dos Theatros*, deve ser dirigida para a rua dos Ourives n. 37, 2º andar.



ERNESTO ROSSI

O proximo numero da *Revista dos Theatros* occupar-se-á em largo do eminente artista que neste momento boquiabre as platéas fluminenses ; publicará o seu retrato.





LOPES CARDOSO, Phot.

LOMBAERTS & COMP., Edit

ERNESTO ROSSI